

ALFAGUARA



José Luiz Passos

Nosso grão mais fino

ALFAGUARA



© 2009 by José Luiz Passos

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Capa

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Catharina Epprecht

Ana Kronemberger

Diogo Henriques

Editoração eletrônica

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P319n

Passos, José Luiz

Nosso grão mais fino / José Luiz Passos. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2009.

157p.

ISBN 978-85-60281-79-4

1. Romance brasileiro. I. Título.

08-4945

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Retive do meu irmão Zelino, neto do sétimo prefeito de Igarapu, a imagem dum menino leal, embora envergonhado da condição abastada de nosso avô; homem quase sem instrução e de quem ele herdou o mesmo nome, José Wellington Dueire. Hoje, que inicio mais essa viagem, se tu me serves de consolo, se me serves talvez de limite, invoco teu nome, Zelino, e ponho-o aqui na portada por ser ao menos um começo franco. Por ter sonhado esta noite com teu corpanzil sem pêlos, que se via quase inteiro quando pulávamos da ponte do Poreja e, rindo, reluziam teus dentes mais amarelos que os meus.

Zelino foi o único parente rapaz a quem abracei com gosto quando em princípios de 1927 cumpri com a prova de capacidade para o diploma de químico industrial. E naquele tempo, sendo eu menino de vinte e dois anos, ocioso e titulado, que outra maneira havia de ficar mais perto do Recife senão acatando, por insistência dele e do nosso avô, um estágio na velha fábrica de Goiana? Como prova de titulação escrevi, muitas vezes ouvindo nosso avô declamar à noite o verso em que Augusto dos Anjos recorre ao escarro, meu primeiro opúsculo, *Da fermentação em etapas*. Relendo essas páginas, hoje vejo que ainda sou o mesmo e me orgulho disso, mas também sorrio um pouco sem graça por encontrar ali a centelha amarga da minha velha curiosidade, do zelo por uma indústria que nos últimos quarenta anos me ocupou demais, elevou e dissolveu minha rotina, para então finalmente me fazer descer pela urgência que ora me convoca.

Ontem, quando baixava o chapadão das Russas em direção à velha usina, guiando em seu balanço sinuoso, já remoendo o que veria adiante, numa dessas curvas, desatento pelo pasmo que vinha, súbito senti meu carro saltar numa só vez dez sacos de carvão. Foi um susto grande, mas passei ileso por cima do recapeamento do asfalto. Voltava a Santo Antônio por ouvir dizer que iam desmontar outro dos meus decantadores. Dos onze que instalei nas empresas da região, apenas três estão ativos.

Ora bem, buscando ainda hoje a mão daquele que me valia e coçava minhas costas, e eu mais ainda as dele, acabei catando num canto de ais as faltas do meu irmão, minha vexação fraternal, o olhar sombreado de Zelino, mestre completo em arte de aves. Fiel à sua lembrança, remexo as formas dum tronco nodoso. Mais ainda, cavouco entre caules e folhas que talham.

Sob a copa vazada do tamarineiro vejo aqui, no chalé grande, agora que cheguei, a bóia de pneu que numa tarde, porque era sábado, levamos para saltar da ponte do Poreja. Eu ia correndo, ele não, e ouvi Zelino me dizer, “Um dia você nem imagina que tudo isso vai virar partido para Santo Antônio moer. Mas quem você acha que vai cuidar do cálculo da decantação?”. Ele tinha razão, quem? De noite, já no quarto, com as pestanas coladas de sal, as dele, não as minhas, desenhei ao léu a planta dum laboratório, do subterrâneo à cúpula giratória e no topo avançava um telescópio, tamanho era o exagero de meu arroubo juvenil.

Zelino acordou, me viu colado aos papéis. “Vicente, você desenha é bem, rapaz...”, ele disse, e riu alto.

Estaquei num gole de frescos, afastei o copo com certo rompante e, por pouco que tenha sido, o volteio do líquido marrom fez o suco esborrar no meu rosto. Mesmo docinha, a bebida salgava na boca. Enfim, pela primeira vez quis machucar Zelino. Diante dele, sem querer aspirei

um caldo ruim, mas meu irmão já me aflagava o ombro e acabei, até hoje não sei como, imitando mais uma das suas risadas. O riso que, por certo, dávamos de mim. Começou ali, creio eu, meu impulso em direção à sucroquímica, e também a certeza do meu interesse nas opiniões de Zelino, minha desconfiança de que nessas caçoadas, na sua mania de se esconder de toda a gente, porque ninguém mais o achava, já vinha em lento cultivo o gérmen de ele querer o que mais queria. Aquele motor que depois seria, anos atrás, ele finalmente ter desaparecido de Santo Antão.

Verdade que antes disso, tu mesmo sabias, Zelino, fizemos o máximo numa época que não se queria menos que o auge para cada um de nós, para todos. Em Santo Antão tudo era insensatez mascarada em ousadia. A maquinaria renovada, com sua caldeira rubescente de quinhentos hectolitros; o caminhão inteiro no basculante sangrando, depois de despejar a carga imensa; o mel no parafuso se enroscando numa viscosidade de âmbar quase negro; o longo bueiro de beiral supertrabalhado, que de longe se via; a lenta viagem aérea do molho de cana; o mestre Fersoza, turbineiro na contraluz da caldeira e, lá fora, o imenso e maquinal casulo cachimbador; todo esse equipamento marcou, graças à química de engenharia, a superação cabal dos velhos tachos de engenho, do trabalho primitivo e forçado, inferior mesmo, fazendo da usina, através do vapor da 21 apitando pelos seus quase cinqüenta quilômetros de trilho de bitola larga, agora sim, o puro espetáculo das sensações modernas; um show que se exibia tranqüilamente na moenda tripla mastigando o monte enfeixado, no xarope da turbina, que vinha rolar depois de passado pelo esquentado e, por fim, na própria dança das balanças automáticas, de ensacada nova e bem medida, cada porção de sessenta quilos cerzida na malha do saco marcado como *crystal*, *demerara* ou *grã-fina*.

São essas imagens da destilaria, do decantador com patente renovada, da ordem monótona e progressiva da esteira rolante, da dosagem da cal logo após o caldo vir da máquina de moagem que hoje reabastecem minha visão dum passado que, digo, mesmo que não concordem comigo, foi sim aqui-são. E de tecnologia totalmente progressiva. Sei que na América é assim faz tempo, mas começamos bem antes e nunca estivemos muito atrás. Como é possível que tu mesmo, Zelino, tenhas vivido em Santo Antão sem te dares conta de que o melhor de nós estava à prova bem ali, diante dos nossos olhos, na meticulosa análise do cristal, do grau do suco, do volume decantado?

Essa lembrança me veio ainda ontem, na vinda para cá, na viagem que fiz para desmontar o decantador de Santo Antão e recolher as placas com o número e a data do meu registro de patente.

Mas, então, meu carro derrapou no carvão que servia ao remendo da estrada. Parei em seguida, cem metros depois, e conferi o saioite que protege o tampo por baixo do motor. Ali, aparentemente, nada de mal. O susto me fez ver, logo depois, que ia pela entrada de Chã Grande, justamente onde costumávamos caçar.

Revi o pé de tamboril ao lado da casa do velho Balbino Garau. Passamos ali férias animadas. Aliás, faz tempo que me veio a idéia de, pensando nessa época, tentar entender uma mania do meu irmão. A de querer catar suas aves por bem ou por mal, se regalando no golpe de arapuca ou no tiro de chumbo. E já que compete a cada qual, perseguindo ou esperando, a paciência de seu próprio ofício, adianto uma anedota que, sei, pode ser a chave para se compreender as relações de antagonismo e confraternização em torno a qualquer evento que envolva a morte, ou a constante imaginação da morte. Para uns e outros, é claro, esses momentos serão sempre inesquecíveis.

No verão de 1929 voltamos ao chapadão das Russas buscando apanhar naquela temporada alguma peça de pato-real, então ainda abundante no brejo das barauínas. Ora, não é nenhum segredo que a perdiz-vermelha é a espécie mais cobiçada pelos que, como eu e meu irmão, e ele mais ainda que eu, praticam a caça. Pois chegando ao lugar, Balbino Garau falou animado, “Este ano há delas!”.

Zelino me convenceu a mudar de plano e caçar com cão de parada, quando sabia que meu modo preferido era sair em batida. Trouxemos a espingarda que havia sido de nosso pai, uma calibre vinte, mocha, Webley-Scott, de fabricação inglesa e que chamávamos cotoco, por ser mais curtinha e, embora de menor alcance, leve e muito precisa. O mestre Garau nos arranhou dois secretários e, na manhã seguinte, pouco antes de amanhecer, era o caso de sair à cata da lida e do sossego breve que é o desporto na cola desses protagonistas mais raros, hoje impossíveis de se achar.

Há, sim, nessas ocasiões, pessoas de atitude menos dignas e às vezes incompreensíveis. Digo isso porque a falta de controle no ato venatório causa a extinção da nossa fauna, e mesmo já arrasou espécies de beleza sem par. A coordenação dos princípios, a motivação certa, uma ausência de dedo esfaimado, as cortesias que se há de fazer. Saber, por exemplo, quem tem a vez do tiro, e mesmo as orações a Santo Humberto, tão a gosto dos populares, tudo isso rege uma prática merecedora de tanto respeito quanto as Olimpíadas. Entre os pagãos, ou os que preferem um ritual mais clássico, não é difícil o caçador portar na memória ou nos bolsões uma frase latina, a figura de Diana empunhando seu arco-e-flecha. Ora, esse era precisamente o meu caso, que no pulso esquerdo amarrei uma medalha, imitação duma moeda romana com o perfil daquela deusa mimosa. E confesso, já que hoje tudo

é de confessar, que o cunho do metal me lembrava mais o modo da nossa Ana Corama se fazer de pensativa. Por ela e por minha sorte, não custava trazer comigo aquele amuleto charmoso, catado do fundo do pote de louça de doce de caju onde Anquises, nosso pai, guardava as bugi-gangas da sua última viagem à América.

Entramos na casa de Balbino já quase com o dia escuro. Reparei logo seu salão de paredes grossas, suntuoso mesmo com o reboco comido e o chão ladrilhado em mosaico vermelho e branco, iluminado à luz de gás. Não esqueço o ponto alto da cumeeira, de onde pendia um fio de sisal laçado a um sininho de bronze, que o pintor sacudia requerendo assistência. E como o carro com os cachorros não tivesse chegado com a perdigueira Fedra e o cão Cícero, Zelino disse, “Vou esquentar o dedo nos morcegos...” e me chamou lá fora.

Eu ia? Apostava para ver de quantos erros meu irmão precisava para acatar a humilhação imposta por criaturas que nem sequer abriam os olhos para o vôo. Seria um desperdício. Então Zelino se postou no alpendre e esperou. Passavam rasantes no beiral da casa bandos de morcegos que não sabíamos qual queria sangue, qual somente o suco das frutas do pomar logo ali, pouco além. Mas o ziguezague não confundia meu irmão. Eu mentiria se dissesse quantos tiros Zelino disparou, ou quantos pegaram, porque vários se perderam, mas os poucos alvejados davam motivo para se comemorar com animação. Éramos nós três e os secretários com as mãos para cima, balançando os braços como se fosse o caso de agora ir cobrar aquela caça asquerosa. Eu mesmo me empolguei, mas sabia que se pedisse a cotoco faria feio. O velho Balbino, creio eu, no fundo sentiu ali, e deve ter sentido mesmo, pelo pouco que falou, saudades do tempo em que ele também se distraía com aquele tipo de pontaria.

Enfim, juntamos as cascas de cartucho seco e Balbino puxou o sino pedindo que tirassem o jantar, uma galinhola capoeira preparada no sangue da própria mais um pouco de açúcar mascavo. Escureceu e passamos para a sala, falando bem da saída de amanhã cedo, um dia que depois aprendi a dizer, foi funesto.

Pois o teto alto, sem forro, e lá em cima os caibros e as ripas entrelaçadas por encaixe, como num cesto marchetado e marrom, alongados pelo breu da pouca luz sulcando-lhes o espaço vazio, tudo isso dava abrigo a besouros de bitola variada e mariposas de pelugem amarela e azul. Então vi que talvez fosse o caso daquele morcegão, que passava para lá e para cá, voando baixo dentro de casa, haver entrado por entre as frestas do beiral vazado ou pelo vidro roto do óculo circular, que dava uma feição bizarra à fachada da casa. Aquela criatura vinha cobrar, pelo incômodo do nosso sono, a derrubada dos seus pequenos. Contra isso copiei as figas que Zelino fazia, mas rindo de mim mesmo, de nós dois, na verdade, por tola que era essa precaução, já que se sabe, a grande maioria desses bichos corre atrás de polpa de fruta e não pensa jamais no terror do sangue humano. Mesmo assim, olhava para cima e de lado, apontando os dedos para as sombras e para a cama do meu irmão. Zelino dormiu primeiro que eu e, ali, trancado nas pontas dos seus braços, vi o sinal do espanto dele, a fé que tinha em gestos que pareciam ser de pura superstição. Meu irmão dormia com as duas mãos fazendo figas, e nisto eu por inútil que fosse lhe repetia a dose, envergonhado de nós dois. Éramos uns caçadores frouxos!

No quarto, antes de dormir, perguntei a Zelino se ele sabia por que Balbino Garau era chamado, pelas costas, de Balbino Doido, quando ele mesmo se proclamava artista e livre-pensador... A história vinha da época em que a estação Humboldt começou a marcar as aves de

migração, os passarinhos que, voando pela fazendola de Balbino, traziam de fora braceletas pegadas nas canelas. Voavam vindo do norte até cá embaixo. Por força de coleccionar essas anilhas numeradas, o pintor quis derrubar qualquer uma que lhe passasse por cima. Balbino Doido. Depois ficou santo, com o coração mole. Parou de caçar, mas permitia esse gozo às visitas.

De manhã, uma coberta de lona verde reluziu fazendo o reparo das telhas quebradas, ruflava no vento e me lembrava as folhas da palmeira-leque de Santo Antão roçando entre si e, juntas, contra o beiral do chalé grande, cujas sombras e seu ronco típico, ronco de rascar a parede do meu quarto, tanto tempo me acompanharam nas madrugadas de estudo. Isso faz tempo. Fora de casa, quis sempre estar de volta. Porém, uma vez aqui, ou acolá, minha curiosidade de ver o mundo doía. Pensava, a usina dorme? A cidade, não. Naquela manhã, na fazenda de Garau, todas essas noções voltavam pelos poucos meses de meu primeiro bigode.

Logo cedo viera na caminhonete Benz o par de cães. Vejo como se fosse hoje. Desce Fedra, desce Cícero. Saltam da caçamba latindo. Pulam ali em volta levantando pó, rodopiando os corpos, Fedra apontando a língua rosada para o côncavo das minhas mãos, rosna de contente e até ri dum riso que é uma graça. Cícero, fazendo igual, empurra a mãe-cadela mais para perturbá-la do que para me prestar saudação. E com os cachorros mais calmos pelo agrado da água fria e das iscas de pelanca, finalmente partimos em direção ao chapadão, onde os arbustos baixinhos e de mata mais seca escondiam, Balbino nos disse, bandos e bandos de perdiz-vermelha. O que naturalmente era exagero seu.

A vegetação perto da casa, mais folhosa e úmida próximo ao brejo, aos poucos dava um salto e se estendia num platozinho de terra amarela e pedregulho, até

se perder de vista. À esquerda e à direita cercas de ave-lós dividiam as glebas dos vizinhos e, passando por baixo daquela maranha verde, eu fechava os olhos com medo de o leite pingar no rosto e me cegar. A partir dali, passada a cerca, era um cheiro de madressilva pisada, eram aqui e acolá as mantas de florinhas amarelas subindo pela encosta das pedras rasas e compridas, alvas como se fossem poças de leite derramadas num tapete lanoso, verde e marrom. Assim era o campo do chapadão. Então vi no rosto de Zelino a direção que ele queria me impor naquela caçada; o vezo baixo desses olhos azuis, semicerrados pela sensação de ganho da presa, do triunfo no tiro, e ao mesmo tempo sempre uma vergonha arrependida de não se poder dotar a ave novamente de vida... Ele era melhor que eu. Há um pesar prazeroso em se deixar resvalar no erro, sobretudo no erro que exige o apuro das mãos, a excelência no disparo certo. Para qualquer caçador reto, a circunstância atenuante do consumo da caça, da quantidade nunca excedente, abatida apenas em vôo, jamais na traição do rés-do-chão, nos garantia a segurança dum perdão antecipado. Zelino me via gostando de acertar as codornizes e os nambus alvoroçados pelo farisco de Fedra. Eis o que era naquele tempo a consciência saudável dessa atividade. Ali havia um nível mental altamente escrupuloso, quase ritual. Aos poucos, com a cotoco em punho, competi com Zelino no número e na sorte daquele tiro salutar, tiro sem desperdício nenhum. Várias vezes, após a caçada, revi nas saudades esses momentos impossíveis de repetição. Era um prazer as camisas ensopadas de suor, o cheiro do mato pisado, um galho desviado do rosto, o piado de aves sem interesse de tiro e nós dois revezando a vez, adiante ganhando o planado em tempo ainda de voltar com luz.

Porém, meu irmão se antecipava. Desconfiei da nossa última conversa. Vi no seu rosto o prazer da vitória

dada como certa. Sei que, dele, Corama se admirava ao mesmo tempo que lhe reprendia o modo indolente, a falta de esforço em prol de um plano para a vida em geral, o aparente conforto da herança que lhe prometeram as desmesuras de nosso avô. Eu, naquilo igual e diferente dele, escolado no começo da minha química, sempre lendo até tarde, desenhando e mesmo arriscando-me noutras línguas, recebia de Ana somente o aperto respeitoso e distante duma mão retalhada por linhas miúdas e confusas, uma vida que apareceria a qualquer cigana como sendo sem direção, a vida da bela Ana Corama. Como era que ela, tão nova, poderia corrigir o rumo daquela desunião, o feitio de duas vidas em tudo aparentemente desconexas? Olhei de lado e vi Zelino fazendo pontaria, demorando demais, falando com Fedra. “Vai lá, Fé!” Senti raiva.

Pois cace o que vê e não vê, Zelino. Atire mais longe que eu. Coce a coronha de pinho-de-riga com seu queixo fino e os dedos longos de expectativa. Mais adiante vai o céu, a poça e a amplidão da poça, que é o mar. A imensidão que dá e tira o sal de quem vai abaixo e acima dele, sal que agora pinga por nosso suor e é chupado pela terra de volta ao centro, onde funciona o velho motor de tudo, as reações dum planeta que você mesmo não entende. Tua cotoco, que tira a distância entre nós e os pássaros, que serve de consolo às tuas asas depostas pela nossa irmanação; meus olhos rasos, os teus profundos; minha mão canhota; tua destreza em ganhar de Ana Corama um lenço perfumado e o verdadeiro nome da família, e mais, o nome do pai da nossa mãe, meu avô Dueire, tudo isso é uma troca que me desfavorece. E contra ti, aguardo minha vez. “Vicente, passe cá a espingarda.” É longo como um tiro que sobe do chão, Zelino. “Rápido, por favor, senão perco a vez, rapaz!” E teu chumbo, mental pesado entre nossas aspirações, se alça a vapor, lume,

ponte para o além. Tu buscas das penas aquela supercorada, um prêmio para nossa amiga, a futura noiva de outro homem, nosso próprio tio, um fato que até então ignorávamos...

Pois, agora sim, desce mais outra ave ferrugem, veloz pela queda contrafeita, pelo susto da banda do tiro que lhe estancou a espiral do vôo e, dela, do pássaro, faz-se um risco no céu com as tintas dum crepúsculo de plumas, aquela cor de quando se baixa outra criatura que praticava sua velha marcha de ascensão encarnada.

Caçar, o que é caçar? Medir a vida pelo tiro que busca outra vida. Acaso será isso a desejada potência de se poder tirar dos menores o que em nós não sabemos se é maravilha ou acidente? Zelino, cobrando suas peças de nambu e codorniz, e pondo no embornal uma coleção penada que balbuciava seu último cuspo infeliz, o vermelho-rubi, Zelino ia adiante, mas continuava calado. Eu, andando atrás da linha do tiro, via lá e cá a cabeça de Fedra saltar para fora do planado de capim cabelo-de-moça. Suas orelhas balançavam grandes e velosas, e a língua rosada, pingando, mostrava a alegria duma cadela totalmente indiferente ao estampido do tiro de pólvora preta, cujo fumacê abanávamos da cara na vez de cada um. Na caçada, já disse, revezávamos o tiro, passando para lá e para cá o mimo que era aquela espingarda inglesa, enquanto mestre Garau, ainda naquele tempo um homem de muita dissipação, nos esperava na fazenda pintando o quadro que muito depois reconheci na parede dos Corama, casa depois comprada pelo meu avô. Estava ali mesmo, naquela tarde, sendo feito o *Homem das mãos azuis*, a obra-mestra do grande Balbino Garau, nosso artista maior.

Avante ia meu irmão com seu cinto de trinta peças. Andava pesado pelo sacolejo da passarinhada morta, balançando as cabeças, os olhos já velados pelas pálpebras

de seda cinza e frisadinha. Na caminhada, por conta da exaustão, pelo poder do fogo ansioso em contar menos presas do que se esperava, por conta do vento quente que observa suas mudanças no psiquismo humano, causando também a intolerância, o sentimento inconstante, revelando o maior ou menor civismo do desportista, enfim, por tudo isso ficamos mais calados, enquanto eu pensava em noivar com qualquer moça que me aparecesse na frente, pondo um fim na disputa por Ana Corama. No meio daquele desgaste, esse seria meu modo de combater a dor que era ver Zelino e Corama celebrando-se na manha de tanta minúcia, de se dizerem Não, mas rindo um para o outro, numa implicância fingida que só me revelava as provas de um sério bem-querer.

Em qualquer percurso venatório, chega-se a um ponto em que o melhor é admitir, já basta! Mas fomos adiante. Pé ante pé e eu agora manejava a cotoco com o cano quebrado para nossa própria segurança. Por trás do buritizal, nos juncos na baixa do charco, longe do terreno onde tínhamos começado, avistamos o lago Constança, sua lâmina coberta por uma manta limosa de folhas verdes, verdadeira laguna serena de plancto. Era uma água grossa aonde vinham beber bandos diversos. Tínhamos combinado, agora só se for a perdiz! Não atirar em mais nada que não seja a perdiz de capa ferrugem, tipo pedrês açu. A que o macho, mais colorido que a fêmea, choca os ovos, alimenta como uma mãe as suas próprias crias... Pássaro terno e cortês. Na minha frente vi a cauda retesa da cadela pegada no faro da caça, o perdigão corria pela baixinha do buritizal. Fedra apurou o focinho, ganiu ansiosa. Amarrada na caça, ela me levava adiante. “Pega. Pega, Fé! Vai, mocinha...”, eu disse. Com uma orelha arrevesada pela corrida, a perdigueira avançava no passo da ave, que, dando tempo na distância percorrida, não queria abrir vôo.

Ora, se é um fato mais que comprovado que a caçada revela as pessoas no que têm de melhor ou pior, hoje me espanto com nossa ânsia de querer cobrar aquela peça. A mudança radical no psiquismo das pessoas se faz sempre aos poucos, mas naquela ocasião foi de vez. Muito depois, lembro de ter encontrado num manual de arte venatória a referência a um tipo de perdigoto com um comportamento igual àquele que ali corria vinte passos à frente.

Em primeiro lugar, nenhuma ave gosta de voar com vento pela cauda para não lhe eriçar as penas. Em tempo quente, com vento nordeste, a perdiz anda irrequieta, ao menor ruído levanta vôo sem destino, e tem medo de se esconder; embora cansada e cheia de sede, de bico aberto, corre, corre sem destino, irritando o caçador que a persegue e o próprio cão que o acompanha. Se caçar a contravento como mandam as regras, nem mesmo assim o caçador obtém os resultados desejados, porque a perdiz, devido à sua irrequietude momentânea, por razões de ordem psicológica não espera e quando salta a tiro apenas utiliza o vento para se elevar, mudando imediatamente de rumo, o que complica o disparo certo do caçador.

Então, este seria o caso? O ar estava mais quente que de costume, porque naquele ano visitamos Balbino Garau em dezembro. Eu ia irritado pela memória das provocações entre Ana Corama e Zelino. Irritado também pela bossa do próprio gordo Garau, que na sua casa insistia em bancar um rei bufo e enlameado de tinta diante duma tela maior que ele. Talvez essas variáveis expliquem o que sucedeu depois.

Mas ali, boca entreaberta, toda a língua dentro da boca, Fedra corria sem mostrar os dentes, muito concentrada. Fazia seu ronquido fino avisando onde farejava a ave, rojando-se no chão. Caminhamos assim quase duzentos metros. Daí, avançamos contra um arbusto lenho-

so e pequeno. De repente deu-se aquilo. Fedra latiu e a perdiz-vermelha saltou a tiro. Levei um susto.

Pedi à deusa Diana e disparei o primeiro cano. O piado típico dessa ave, mas ao invés como se fosse o de outra, foi realmente uma surpresa grande. Só pelo ruflar das asas, vi que era caça maior do que contávamos. Um canto guinchado e repetido agora voava baixinho, na minha frente, espaçando as asas para subir o menos possível, fazendo um vôo de pouca altura. Esse foi meu erro. A perdiz ia a mais de vinte metros. Perdi a curva do seu planado. Úmidos pelo suor e pela travessia do charco minha calça e o blusão pesavam demais. Já arrastava os pés. Pus um diante do outro, fincando nova pose para refazer o tiro, gostei do apoio. Baixei a mira e repeti o dedo no guarda-mato. Disparei o segundo tiro e o cartucho estourou. Fedra fixava atenta a ave revoar na curva curta. O chumbo sete, tarrafado pelo estrangulador do cano de baixo, seguiu seu empuxo e foi até o avejão já quase sumindo na curva do horizonte. O tiro apanhou aquele esforço. A perdiz abateu-se na hora. Ficou imóvel no espaço e como uma almofadinha morna, desarticulada, vinha caindo. Fedra, como sempre, deveria correr até a touceira de jurema com ramos armados em ziguezague pela casca lenhosa e, cadela boa que era, se embrenharia na folhagem pulando alegre com a cobrança da perdiz. Mas não o fez. Estranhei aquilo. O caso é que logo após o segundo tiro ouvi um grito, ou então tinha sido impressão. Pensei, isso será um sinal dos bons?

Um grasnido esganiçado vinha e voltava como por um aviso de sirene. Enganei-me contando com a sorte certa. Hoje desconfio de todo São José que não use resplendor ou cajado. São esses adornos que lhe marcam o fado de ser sozinho, velho e são. Dão o apoio que um homem comum precisa para se alçar à posição de pai do Filho. Meu São José, eu pedia e repetia, sempre

me esclareça na hora esquerda... E que eu só traga para casa o que se come e o que encanta... Olhei para o chão e vi o fumo da pólvora rastejando na folhagem baixa, como uma cerração mínima, uma corrente de flamação branca enevoando o sulco escuro por entre as folhinhas miúdas, mais perto do barro. No capinzal, à tardinha, já pouca era a luz. Então eu vi. Fedra se lambia no pescoço, queria se lamber, tentava alcançar o próprio dorso, as costas malhadas de pintas preta e marrom. E dobrando o pouco uivo de Fedra, eu próprio me lembro de ter gritado de pavor e susto. Tive medo, eu como qualquer homem, de que o sangue também pudesse me acontecer de sair pelas orelhas, como naquela cadela. De quem tinha partido a banda baixa daquele tiro, de mim ou de Zelino? O que é que você fez, Vicente? Fedra sacudia a cabeça dum lado para outro, como se enxugasse as orelhas. Seu ganido agora era suave e o suco infeliz, rubro, espesso, minava em volta dos olhos, ela sem saber por que razão. As patas de trás foram dobrando-se, amofinadas. Devia ser a mágoa de ter sido descuidada enquanto fazia o trabalho na marcha da frente, justamente sob a linha do tiro, amarrando a caça que partira num vôo baixo demais.

Foi nessa situação que cheguei ao meu credo final. Hoje sei que, com a só exceção da ciência, tudo mais na vida é igual, e o que puder dar errado, dará. A cadela sangrava caladinha. Enroscou-se. Foi ficando com os olhos baços. Então, pegado às patas de Fedra, tapei seu focinho, pedi pela perdigueira e apertei as mãos esperando pelo último instante. Outra vez, ouvi a morte chegar perto de mim e arrebatou um serzinho latindo com a bocarra travada pelos meus dez dedos. Sacrifiquei quem só tinha por mim devoção. Por exemplo, seu modo de catar os espinhos da barra da minha calça, esse gesto ainda hoje me comove e é difícil de explicar.

O certo é que depois daquele tiro, quando olhei em redor, me vi só. Atrás e adiante estava a planura do Buinhal Novo, dito da Golegã, distante da casa de Balbino Garau mais do que meu fôlego podia dar. Pouco mais longe, as copas de ipê-amarelo botavam naquele dia o final das corolas, agora já apagadas pelo verde-ruge do lusco-fusco. Há instantes em que a dúvida reparte o coração, há outros em que ele próprio, em defesa, se liga e reúne suas invenções. Este era um desses. Quem partiu de mim, o tiro ou a cadela? Onde Zelino? Por que meu pé, pegado ao chão, agora parecia uma raiz aérea, seca e mais triste? Severa ou aprazível, a vida, até aquele ano, tinha sido pouca mas contente. Existi concentrado na minha maquinação do suco, do grau do suco, da perfeição do cristal. Meu alvo era o doce, ou melhor, o próprio fabrico novo do álcool anidro, que propaguei em Santo Antão e em outras usinas do estado. Dali em diante, o que importava? Eu, que cria ter tudo, um mundo todo à frente, aliás, tudo menos Ana Corama, estive a perigo de me perder de medo.

Então desatei o cinto de caça e minhas trinta peças desabaram no chão. Cavei com a faca, cavei com meus dedos. Depus Fedra aninhada naquele covo de barro úmido, sob a sombra dum pé alto de azeitonas-roxas. Ali mesmo abandonei as codornizes, os nambus e a dita perdiz. Refiz meu caminho às escuras e horas depois, quando cheguei, Balbino Garau, sentado no alpendre medindo aquela pintura sob a primeira luz do dia, já outro dia, me saudou com a mesma desconfiança da vez anterior. Perguntou pela perdigueira e me olhou de pé, ele, comigo curvado pela noite em claro e, lá para trás de mim, o caminho que não soube refazer sem tomar desvios e voltas mais longas. Cansei de ouvir Balbino me explicar a urgência da minha própria situação. Contei-lhe do tiro, do grito, da desapareição, enfim, da necessidade do próprio sacrifício.

O gordo Garau, nu da cintura para cima, soltou seus pin-céis, creio que estava pronto para me abraçar. Tive medo. Lembrei que ontem, no jantar, Balbino dito doido tinha me mostrado com gosto um longo punhal de cangaço, e que de tanto admirá-lo passei, como ele mesmo, o dedo no cabo anelado de osso e bronze, claro e escuro, perfeito, fiel ao único dono que já teve, disse Garau. “Esse era o punhal do primeiro facínora de Santo Antão, o famoso Pedro Petraxo.”

Ele agora falava alto e quase desarticulando o que me dizia. Abanava as mãos como se fossem o vão dum rebenque ligeiro, me querendo. Por cima dos seus ombros, através do peitoril da janela, vi dentro da sala as prateleiras com as fotos do pintor, uma coleção curiosa que não tinha notado na chegada do dia anterior. Balbino de boina fumando um charuto; Balbino beijando uma cabra; Balbino acarinhando uma coruja de olhos abertos; o mestre Garau modelando uma das suas esculturas, a *Mãe de todos*, com um nariz saliente, o dela, ancas muito grossas e as pernas cortadas na altura dos joelhos, aquela mãe feiosa; enfim, Balbino Garau de robe atado e chapéu-coco, os olhos fechados com força, mas sorrindo... Todas essas fotografias estavam em cima do arcaz da sala, em volta duma sopeira de louça com o escudo do barão de Moreno, onde o pintor guardava, por desprante, um par de meias de lã púrpura que usava para pintar em tempo de frio. Talvez pelos olhos empapuçados daquele homem, pela sua calvície quase completa e as linhas fortes da face ancha, que lhe cavavam valas entre as maçãs do rosto e a boca; talvez pela figura retorcida, de temperamento raro, e também certamente pelo gênio da sua pintura, que depois aprendi ser tão desesperada e doce, por tudo isso se deu em mim o que, sem o sono de dois dias e muito pela morte de Fedra, posso afirmar, foi uma mágoa distendida em lenta revolução contra quem fui. Apertei

os dedos nos bolsos úmidos. Fechei a cara. Repeti-lhe o que, certa vez, me disseram. “Haja o que houver, és filho de Elena Dueire e Anquises Campelo.”

Sou eu quem está detrás da cadeira olhando Balbino Garau olhando para mim, só. Eu, de pé, com os braços cruzados e meu primeiro bigode castanho. Agora tinha pelas costas o grená e o azul dum céu de dezembro, céu de Natal e causticidade. Com as mãos pousadas na cintura, o queixo quase me tocando o peito, fui dizendo que sim àquele homem, de quem ouvi o que nunca tinha ouvido de ninguém.

“É você mesmo, Vicente, que olha a menina dos Corama com os olhos do seu avô, querendo tudo e mais o mundo. E dorme ouvindo pelas paredes o que falam e o que abafam em família e põe a orelha nas portas como modo de arapuca e invoca amigos imaginados, um irmão inventado de pequeno para achar nele o seu contrário, o bom e o mal que desorienta quem lhe quer bem e deseja a cura desse disfarce que só pode ser mesmo a loucura fantasiada.”

Calado, ouvia de Balbino Garau o que se poderia resumir assim. Você, Vicente, é uma pessoa fraca e sonsa, que esconde o malefício com o som duma cantiga bonita, inteligente. *Inteligente*, ele me disse, ao que logo balancei a cabeça. Olhei em volta e estava só, não sei onde foi parar Zelino.

“Não tem Zelino nenhum, Vicente! Pelo amor de Deus...”

São José, castigue o Filho do Homem. Imponha a ele a lida da plaina e do formão, e com isso me livre do gigante Garau!

“Me ouça, rapaz. Sua mãe parecia que achava graça, mas na verdade penava com o que você saía inventando. De não ser filho dela, de ela ser cega. De você ter sido adotado. Que adoção? Que é isso, Vicente!”

“Não grite, hein, Balbino...”

“Pela amizade que tenho a você, à sua família, procure alguém. Você precisa de ajuda.”

Disse a ele que Zelino tinha errado em disparar aquele tiro baixo.

“Não tem Zelino, rapaz! Vicente, você estragou uma perdigueira das melhores. Como Fedra, não tem outra. Ouviu?”

Balbino me falava aquilo talvez por sua admiração a meu pai, um homem que, ele sempre dizia, foi reto. E mais, também por querer o bem da filha de seu amigo, o pai de Corama, aquele grande industrial. Era Dahirou. E de Ana, o pintor me disse, “Você cerca essa moça, e isso faz mal. Vá a um doutor, rapaz. E rápido. Inventar a vida dum irmão não salva você de incomodar ninguém. Dessa vez, não... E, principalmente, aqui, não!”

Afinal, quem caçou quem? Fui idêntico a mim mesmo? Agora, eu sem paz, e ninguém faz figa por um medo que é só meu. Balbino disse que eu estava louco por não saber o que queria. O que inventei, o que vivi. Mas eu sabia, era Ana Corama. Voltar a revê-la, isso sim. Caçá-la da maranha que será o gosto de meu tio, irmão mais moço da minha mãe. Gaetano, o grande boçal.

Se quisesse, ainda era tempo de dizer que seus olhos, Ana, fundo de âmbar quase negro, cinza e redondos, fechados, são ovais. Parteiros dum tempo nodoso, difícil, inútil. Quem é você, mulher? Preciso fingir que também você não existe, Ana, e inventar essa mágoa que me causa a sua falta. Um *Zelino* para desperdiçar sua atenção nele. Outro *Zelino* para fingir que somos contrários; eu e ele. Penso na impostura contra mim, nele, em meu irmão. Pratico por esse voto a sensação perdida da beleza, a desfaçatez do enlevo solitário e por fora triste. Inventei Zelino. É simples. Soube depois. Assim alcançava o estado de conversar em silêncio sem incomodar deus nenhum.

Vem da mulher ou do homem essa capacidade da fraude sem pistas? O gordo Garau e sua forma brusca de tentar me salvar; dava-se este direito por se achar criativo e maldito. E me via como uma experiência em novas tintas. Punha sua razão no respeito que tinha pelos meus pais. Mas Zelino, que me aparecia e desaparecia, ali concordava. Garau mentia muito. Dizia que nos amava, e mentiu. Quem não inventa seus pares, como eu a meu irmão? Ele próprio deformava as histórias que viveu, quem viveu, quando e como etc. Criava também, eu lhe disse, seus irmãos de tela e tinta. Tudo pintado em cores falsas. Dizendo-lhe isto, fiquei emotivo. O pintor me viu molhado e de pé. Apontou atrás de mim uma cadeira onde me sentasse, mas não descansei. Ele sabia o que lhe diria com força, se pudesse continuar dizendo, e amoleceu. Seu modo de moderar foi me prometer outro cão e um quadro. Falava e adotou um tom mais sereno. Disse que me desenharia, se eu quisesse. Aquele *Homem das mãos azuis*.

É curioso que, enquanto recorro essas sensações, minha voz se distende. Minhas mãos, hoje alvas e mais magras, agora estão novamente azuladas pela tinta da caneta, como se afundasse os dedos naquela terra coberta de azeitonas-roxas. Sinto como se fosse o próprio dia. E hoje, distante já quase quarenta anos daquela manhã em que enfrentei o genial Balbino doido, o gordo Garau, e também ontem mesmo, quando saltei do carro chegando de volta à usina para o desmantelo do tanque de decantação que montei em 1933, ou seja, ontem, depois que meu carro me livrou da morte na pista, desgovernado que ia pela crosta de carvão em cima da banqueta renovada, enfim, lembro que, quando desci do automóvel, fui tomado por uma vaga sensação de embriaguez e vitória. Caminhava em volta da casa de fazenda do pintor morto, chamada Belavista, e vi sua fachada hoje rota e car-

comida da cumeeira até a cimalha, sem mais os janelões de peitoril baixo com parapeito sacado, e deles agora se vêem apenas as vergas de arco abatido. Notei a tesoura de telhado emborcada no chão, apodrecendo no meio da sala de estar, como o esqueleto gigante de seu cavalete maior, o cavalete em que naquela outra manhã me pintou de azul Balbino Garau, o dito doido.

Eu próprio, que matei Fedra, hoje sei o que houve. Foi um acidente. E Zelino, aquele que não sei se sou eu, quem é ele? Confesso, se tudo foi invenção minha ou de mais alguém, isso também não se sabe onde começou. O certo era que eu, com Zelino, não estava só. Faz tempo, e ainda me dói pensar na caçada em que perdi a perdi-gueira e um irmão amado e odiado por força da solidão. Quanto ao que o pintor me disse naquele dia, o principal, que eu cercava a filha dos Corama, isso não era verdade. Ela, sim, se rodeou de mim porque quis.

Amei muito essa moça, eu mesmo lhe dei a entender. Mas também impedi, impedimos todos, a fala de Ana. Por ela, aprendi do ermo. Duma cepa de gente doce, fiquei o só aziago, amante da companhia de poucos. E mesmo estes raros às vezes me encham de tédio e dó. Gozei seu torpor quando Ana, ela própria, ia se entregar ao viés da noite em que estivemos a sós, e seus olhos me curtiavam como eu a mim mesmo naquela lenta queima de se ver na iminência dum momento só nosso. Nós dois falando, falando, falando e a madrugada aluindo sua noite de abóbada pontilhada. Depois disso, fui quem? Hoje estou sozinho, sei. Zelino pode ser que não tenha existido da maneira que falo dele, mas tudo que volta pela comocção, retorna com a força dum segredo turbado... E se eu nunca pude dar dele uma impressão exata, é porque ele mesmo, eu e ele, nunca fomos exatamente uma coisa só. Quis voltar a Santo Antão, pois voltei. Cheguei há pouco. Então quem é fraco, ou sonso?

Agora que entro novamente no escritório da destilação, onde trabalhei por mais de trinta anos, vejo pelo basculante o chalé grande onde Ana se acomodou ao meu jovem tio, um tio da nossa idade, Gaetano Dueire. E dentro do chalé, a longa noite em que estivemos a sós, eu e ela, a conversa em que lhe contei da morte de seu pai, este sim, o grande industrial. E Ana me pediu a vez de falar, perguntando sempre. Concordei e lhe disse o que houve. Daqui ainda revejo de soslaio, nos seus flancos, em Ana Corama, pela minha memória dela, um mapa traçando o caminho que ventos e estrelas desenham como estampas na pele dum pano pisoadado. O corpo de Ana, ela nua, era simplesmente tudo ao alcance das mãos. Acaricio-a como se consolasse a perdigueira Fedra. Meu rosto imberbe; a paina dos seus bandós em torçal de fibra corredia; a cicatriz do movimento, que é seu odor coado por mechas de cabelos negros e luzentes; meus olhos ventosos de chocar as pálpebras com suas mãos passantes por aqui e por ali, diante do meu rosto, distantes desses lábios somente poucos centímetros, enfim, esbraseado e casto foi o primeiro beijo que impedimos, resistindo um ao outro em tempo de concessão e luta. Lá fora havia uma guerra mundial.

“Não acredito em guerra mundial, meu bem... Amor não é guerra”, Ana disse.

“Muito antes de nós dois, eu e Zelino brincávamos de inventar você, Ana.”

“Mas também não acredito em Zelino”, ela disse, como Balbino no dia da caçada.

Foi o que se passou há quarenta anos entre Chã Grande e a usina, aonde agora volto para desmontar o que pus de pé com a minúcia duma química antes tão avançada. Hoje a purgação centrífuga, com agentes de catalisação, me ultrapassou e fez do meu decantador um tanque obsoleto, revestido com ripas de madeira, barril agigantado e torpe, muito embora antes maior.

E agora de partida, já dentro do carro, vem e se debruça na minha janela um homem de bigode negro e capacete creme estampado com as iniciais da nova empresa. É o gerente Américo Linhares, filho do velho turbineiro Fersoza, que diz que não tinha me reconhecido logo, mas agora sim.

“O senhor é o neto do doutor José Wellington Dueire, não é?”, então lhe faço um aceno qualquer. Mas ele, parecendo sentir aquela emoção que é quase sempre a exigência de toda e qualquer memória do bem, me alcança o ombro esquerdo e continua, “Pois volte quando quiser, que tudo aqui ainda é como se fosse de vocês”.

Aperto-lhe a mão com uma força estranha. Assim Américo se lembrará, e com isso me desculpo dele e dos outros que não cumprimentei, porque hoje sei que jamais voltarei ao engenho d’água, de boi, bangüê de cavalo, engenho a vapor e agora usina remota, pobre, que há muito meu avô tomou dos Corama e perdeu. O lugar de todos esses tempos e, ainda ali, os campos e as extraordinárias máquinas da velha Santo Antão.